

ARTE E SUBJETIVIDADE: ambiguidade entre experiência e vivência

Carlos Roger Sales da PONTE

Universidade Federal do Ceará

No ensaio, “Pequena História da Fotografia” e no longo ensaio sobre a reprodutibilidade técnica, Walter Benjamin afirma que o advento do moderno processo da reprodução das obras de arte (inaugurado pelo invento da fotografia), implicou na inevitável mudança no próprio conceito de arte: que feições esta arte poderia exhibir de agora em diante? Uma expressão instantânea, reprodutível, multiplicada; algo experienciável e passível de retida e narrada posteriormente; mas que, todavia, pode rapidamente tornar-se vivenciável em termos de choque? Tomando ainda como referência as intuições benjaminianas (presente nos textos acima citados, como também em “Experiência e Pobreza” e “O Narrador”), pretende-se percorrer a ambiguidade que vige entre as noções de experiência e de vivência no que toca especificamente a uma noção de arte que está em íntima relação com a mudança de percepção e, por conseguinte, nas formas da vida subjetiva do humano decorrentes das mudanças na esfera social com a modernidade. Tal percurso se justifica se atentarmos para as expressões artísticas contemporâneas às quais, entre outras características, possuem uma espécie de “estética de choque”: elas impactam (e às vezes também nos chocam) nossa sensibilidade quanto à subjetividade fazendo-as funcionarem na mesma rapidez da constituição e no volatização daquelas expressões. Como compreender os processos subjetivos em tempos onde a arte, em suas formas virtuais (a exemplo do Instagram) e não-auráticas, se desvanece no momento seguinte? Da superficialidade do choque que nada deixa para trás, ou dos restos que sobraram seria possível construir um mosaico experiencial narrativo que perdure um pouco mais?

Palavras-chave: arte; experiência, vivência; percepção; subjetividade.

EIXO 4: ARTE E POLÍTICA NA CONTEMPORANEIDADE